



DIÁCONOS

Órgão Informativo da Comissão Nacional dos Diáconos - CND
Ano IX - n.º 103 - Fevereiro / 2015

Eleita nova diretoria da CRD Leste 2



Aconteceu nos dias 06 a 08 de Fevereiro de 2015 o XVII ENCONTRO DE DIÁCONOS E ESPOSAS do Regional Leste 2, que compreende o diaconado de Minas Gerais e Espírito Santo, na Arquidiocese de Montes Claros, MG, com reflexão do seguinte tema: “Espiritualidade Cristã: Acolhida e Vida Fraterna entre Presbíteros e Diáconos para melhor servir”.

O Encontro contou com a presença de grande número de Diáconos, Candidatos e Esposas, e do Arcebispo Dom José Alberto Moura que presidiu duas celebrações da Santa Missa e esteve no local do encontro apoiando, conversando, acolhendo a todos com simplicidade e muito carinho.

O primeiro dia, celebração da Santa Missa e a palavra de Dom José Alberto, que desenvolveu o tema: Acolhida e vida fraterna entre Presbíteros e Diáconos para melhor servir. No segundo dia formação foram feitas as seguintes reflexões por alguns padres e diáconos:

* Relacionamento conjugal e Diaconia: um desafio para Diáconos e esposas;

* Leigos e leigas - Sal da Terra e Luz do Mundo – Estudo CNBB/CF 2015;

* A alegria do Evangelho: Vida e Ministério do Diácono (Evangelii Gaudium-EG);

* A Transformação Missionária da Igreja: Uma Igreja “em saída”.

Durante a noite após a Santa Missa houve um momento de confraternização (Noite Cultural). O terceiro dia do Encontro ficou por conta da CRD Leste 2.

Primeiramente foram repassadas a todos informações precisas sobre o diaconado no Brasil bem como no Regional Leste 2; a seguir foi feita a prestação de contas da atual diretoria sob a presidência do diácono Rosendir Guimarães de Souza, de Uberlândia, no período de 2011 à 2015, aprovada por unanimidade por todos.

Formada a junta eleitoral, seguiu-se a eleição do novo presidente, que compôs sua diretoria para a gestão do período de 2015 a 2019 (na foto, da direita para a esquerda):

* Diácono Márcio Honório – Secretário;

* Diácono Pedro Fernandes de Souza – Vice presidente;

* Diácono Lyndon Johnson Correa Silva – Presidente;

* Diácono Rosendir Guimarães de Souza – Tesoureiro.

Logo após a conclusão houve a posse da diretoria em missa de encerramento do encontro, almoço e retorno dos praticantes.

Colaboração: Diácono Rosendir Guimarães de Souza.

Diácono à Serviço da Família, da Vida e da Esperança

Diácono Zeno Konzen - Presidente da CND



Está chegando o grande momento do nosso reencontro, momento de saudarmos-nos como irmãos em Cristo Jesus. Momento de juntos celebrar a decisão dos bispos que há cinquenta anos decidiram no Concílio Vaticano II restaurar o diaconado permanente para a Igreja Universal.

Os bispos recuperaram um ministério, presente desde os primórdios do Cristianismo. A Sagrada Escritura nos apresenta diversos textos que se referem à vida e a

ação dos diáconos na Igreja primitiva.

A Didascalia Apostolorum "Ensino dos Apóstolos" aconselha que cada cidade e cada comunidade tenha um número suficiente de diáconos e insiste que eles sejam os olhos e ouvidos do bispo. Hipólito de Roma afirmou que o diácono é ordenado por imposição das mãos do bispo e para o ministério do bispo.

A história da Igreja é rica em experiências positivas e bem sucedidas que os diáconos tiveram e tem hoje na evangelização e na assistência às comunidades de nossa Igreja. E é por todo esse trabalho positivo dos diáconos, através da história eclesial, que hoje temos força de seguir adiante celebrando o cinquentenário da restauração.

É importante que celebremos não só a nível nacional, mas, que cada diácono celebre e suas comunidades onde atua. Orientando o povo sobre o ministério diaconal e aproximando-se a data de nossa assembleia nacional que ocorrerá 23 a 26 de abril, pedir aos fiéis que orem por todos os diáconos, para o bem da Igreja e de todo o povo de Deus.

Na reunião da Comissão Nacional dos Diáconos realizada nos dias 4 e 5 de fevereiro na CNBB em Brasília foram encerradas as inscrições para assembleia nacional, e percebemos grande entusiasmo dos quase trezentos diáconos inscritos, e destes, mais de cento e vinte diáconos irão acompanhados de suas esposas.

Foi concluído, também, o fechamento das hospedagens nos hotéis locados para evento. Portanto, daqui até a data da assembleia não podemos hospedar mais ninguém pelos valores até então praticados. Todavia, no auditório ainda podemos receber mais alguns diáconos que desejem participar da assembleia, porém, deverão procurar por conta própria sua hospedagem na rede hoteleira de Aparecida.

Está encerrado igualmente, o recebimento de proposta para o hino da assembleia e textos para o boletim comemorativo, pois, precisamos de tempo hábil para impressão destes subsídios, assim como, o caderno da assembleia contendo o regulamento, o hino, a oração, cantos para as Missas e o cronograma das atividades durante a assembleia. Todo esse material já está em fase de confecção.

Queremos celebrar esse momento com sorteio de brindes na assembleia, além de muitos outros, teremos o sorteio de uma bicicleta para adulto de aros e quadro de alumínio, doada pelo diácono Marcos Vinícius dos Santos do regional Nordeste V. Pedimos que todos levem um brinde unissex, para sortearmos em vários momentos do dia.

Pedimos orações pelo êxito da 10ª assembleia eletiva e comemorativa. Aparecida nos espera, preparemo-nos para esse momento muito importante e bonito da nossa Igreja do Brasil. Na assembleia iremos eleger um presidente da CND para os próximos quatro anos, que em conjunto com as assessorias e delegados irão preparar o novo estatuto canônico e civil através das propostas que serão enviadas a partir desta assembleia. Que sejamos todos colocados sob a proteção da mãe Aparecida.



X Assembleia Geral Ordinária

23 a 26 de abril de 2015 - Seminário Santo Afonso - Aparecida - SP

Tema: O Concílio Vaticano II e os 50 anos de Restauração do Diaconado Permanente

Lema: Anunciando o Evangelho por todas as cidades (At 8,40)

SAIBA MAIS...

ADQUIRA SUA CAMISETA COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DO DP.



DIÁCONOS On line

Publicação mensal - Ano IX - Nº 103
Fevereiro de 2015

www.cnd.org.br

E-mail: enac@cnd.org.br

Órgão Informativo da Comissão Nacional dos Diáconos - CND

ENAC - Equipe Nacional de
Assessoria de Comunicação

- * Presidente: Diác. Zeno Konzen
- * Vice-presidente: Diác. Francisco Salvador Pontes Filho
- * Secretário: Diác. Jose Oliveira Cavancanti (Cory)
- * Tesoureiro: Diác. Rosendir Guimarães Souza

- * Diác. José Bezerra de Araújo - Reg. Prof. 1210 DRT/RN - (84) 3208 5313 - jbez_araujo@hotmail.com
- * Diác. Alberto Magno de Carvalho - webmaster@cnd.org.br
- * Diác. José Carlos Pascoal (11) 98512 4499 - diacpascoal@uol.com.br / enac@cnd.org.br

DIACONADO PERMANENTE, UMA CONTRIBUIÇÃO PARA NOSSA HISTÓRIA

Diác. Policarpo Rodrigues Filho - Diocese de Patos de Minas/MG



Outro fato. Ao lado da capela, numa casa de taipa (pau-a-pique) e chão batido, residia uma viúva com seus numerosos filhos. Um frondoso cajueiro lhes emprestava a sombra e lhes sobrava uma pequena área, onde plantavam algumas coisas que lhes minorava tantas carências. Tinha ela o apelido carinhoso e bem aceito de 'Dona Roxa'.

Certa feita, chegando no sábado para a celebração, veio ela ao meu encontro e pediu: "Seu Poly, o senhor não vá embora sem falar comigo.". Respondi-lhe que sim. Apenas terminada a celebração, disse D^a.

Roxa: "O senhor me aguarda um instante que vou aqui em casa." Rapidamente foi e retornou com uma bela melancia nas mãos. "Isto aqui é para o senhor". Num lampejo de raciocínio pensei: mas ela é viúva, pobre materialmente e tem uma prole numerosa. Disse-lhe eu: "D^a Roxa, isso vai lhe fazer falta. Coma essa melancia com os filhos." Respondeu-me: "Sr. Poly, esse pé só deu 2 melancias e, desde que as flores brotaram, eu disse lá em casa: uma é nossa é outra é para eu dar ao Sr. Poly".

Diante de tamanha generosidade e capacidade de partilha, mesmo que uma melancia pudesse auxiliar na cesta básica daquela família, não encontrei mais argumentos para rejeitar o presente. Agradei e parti. Sr. Antônio e Dona Roxa já partiram para a Páscoa definitiva. Agradeço-lhes pelo testemunho vivo e convincente que me deixaram. Eram pessoas muito simples e de poucas letras, mas de imensa fé. Deus lhes conceda o eterno repouso!

COMEÇA MINHA MIGRAÇÃO

Três anos e três anos e três meses haviam se passado desde a minha ordenação diaconal e, fui eu transferido para Uberlândia (MG), pois trabalhava na Companhia Brasileira de Armazenamento – CIBRAZEM. A notícia agradava à Ilda, minha esposa, que é mineira de Araxá, mas entristecia-me por ter que deixar Teresina. Algumas lágrimas vertidas e partimos. O sobrevôo do avião sobre a cidade, seus rios e palmeiras, apertavam o coração e o meu olhar tinha a impressão de que parte de mim estava ficando lá em baixo.

Pensava que ali estava minha 'Betel'. Cheguei a Uberlândia (MG) no dia 22.02.1985. Trazia uma carta de apresentação de Dom Miguel Fenelon Câmara, recém empossado como arcebispo de Teresina. Deixei transcorrer alguns dias, após minha chegada, para só então procurar a Cúria Diocesana. Apenas tinha a informação de que o bispo local já era uma pessoa idosa e que, cogitava-se, poderia me rejeitar como diácono que chegava à sua Igreja Particular. Uberlândia não tinha diáconos permanentes.

Era um fim de tarde. Procurei a Cúria Diocesana e fui recebido pela secretária que, olhando antes para o relógio, disse-me: "O expediente já encerrou e o bispo talvez não atenda mais ninguém." Insisti dizendo ser diácono e que trazia uma carta para entregar. E passei o envelope para ela. Ela entrou no escritório, demorou-se e veio para me fazer entrar.

A surpresa agradável foi muito maior que a expectativa e o pessimismo. Dom Estêvão Cardoso de Avellar, OP, veio em minha direção, de braços abertos para me abraçar, dizendo: "Meu Deus, quanta alegria por receber um diácono prontinho em minha diocese!" Entrei e ainda conversamos por algum tempo e ele me disse para me apresentar ao pároco da Paróquia Bom Jesus, Pe. Jeremias. A partir desse momento estava eu acolhido em Uberlândia.

Um susto. No domingo seguinte fui à Missa na Paróquia Bom Jesus. Particpei em meio ao povo. Após a celebração, dirigi-me à sacristia

e disse ao Pároco: "Sou o diácono permanente Policarpo, sobre quem D. Estêvão deve ter lhe falado." A resposta veio de chofre: "Os ministros da Eucaristia estão reunidos naquela sala (apontou-me). O senhor fica com eles". Não esperava eu, sempre digo isso, banda de música ou tapete vermelho, muito menos chuva de papel picado. Queria uma conversa e ser recebido simplesmente como um ministro ordenado. Fiquei desapontado.

No dia seguinte retornei à Cúria e procurei Dom Estêvão, que logo me falou: "Você vai ficar comigo e o Pe. Genésio na Catedral". Fui bem recebido e lá permaneci por longos oito anos, tendo trabalhado ainda com Mons. Antônio Afonso, homem culto, Frei Guido Iaccarino, OFM, e Pe. Marcello Sebastiano Augello, este um grande e querido irmão. Pe. Genésio, mesmo transferido da Catedral de Santa Teresinha, continuou irmão, amigo e até compadre, pois fora escolhido como padrinho de crisma do nosso filho, Fábio. Era uma pessoa que frequentava com assiduidade a nossa casa. Com Dom Estêvão tive oportunidades de privar da sua amizade e, melhor ainda, da sua confiança. Ele sempre me dedicou atenção e estima.

FUI SEMENTE E AJUDEI A SEMEAR

"Um semeador saiu a semear. Parte da semente caiu em terra boa..." (Mt 13, 3.8). Em 1987, dando a Dom Estêvão a notícia de que aconteceria na cidade de Brodosqui (SP) um encontro nacional de diáconos permanentes, quis ele que eu fosse participar e levasse comigo um possível candidato. Viajamos eu e o Zanatta, um oblato beneditino, que depois seria proprietário de uma livraria em Uberlândia.

Retornando a Uberlândia, tendo adquirido o livro intitulado Teologia do Diaconato, do Pe. Valter Maurício Goedart, quis oferecê-lo ao bispo. Relatando-lhe nossa viagem, disse: "Sr. Bispo, foi muito proveitoso. Eis que lhe trouxe este presente, pois o senhor já tem um diácono aqui e é bom para conhecer mais e melhor esse ministério". Logo veio a observação: "Lá vem você com o seu veneno!" (sic). Fiquei como único diácono da Diocese por longos sete anos. Mas em 1990, ao regressar da assembleia dos bispos em Itaici (SP), chamou-me e falou: "Me converti, conversei com o seu presidente (então o Diác. Dorvalino Bertasso, de Apucarana) e vamos começar uma escola aqui. Pode apontar candidatos e vou pedir que os padres também apontem. Seu testemunho de diácono me convenceu." Logo foi juntado um pequeno grupo, de cerca de dez candidatos, e começamos a Escola Diaconal Santo Estêvão.

Em 1990 também a Santa Sé nomeou um bispo coadjutor com direito à sucessão, Dom José Alberto Moura, CSS, que foi ordenado no dia 14.07.1990 e foi apresentado à Diocese na fria noite do dia 22.07.1990. Surgia aí uma indagação. O bispo coadjutor, uma vez apresentado, será que vai acie-tar a escola e as ordenações. Curiosa e incautamente, na sua primeira vinda para encontrar o clero diocesano, antes mesmo de sua ordenação, quis eu saber de sua visão e suas expectativas. Ele apenas me respondeu: "Estou chegando. Vamos conhecer e ver."

Graças a Deus foi ele mesmo o professor de Teologia Moral dessa primeira turma, enquanto Dom Estêvão dava as aulas de Dogmática. Em setembro de 1992, apenas dois anos e meio após o início dos estudos, os dois

bispos decidiram ordenar os primeiros seis candidatos: Alberto, Samuel, Ubirajara, Camilo, Everaldo e Fernando Egberto. Agora éramos sete diáconos ordenados. Os estudos deles prosseguiram por mais um semestre.

A renúncia de Dom Estêvão foi aceita pelo Papa em dezembro de 1992. Dom José Alberto assumiu de imediato como ordinário diocesano, já que tinha direito à sucessão. Imaginei que demoraríamos outros tantos anos para iniciarmos uma nova turma, porém nova surpresa. Dom José decide abrir uma segunda turma, depois uma terceira. A Diocese conta hoje com 41 diáconos ordenados, sendo que outros quatro já faleceram. Teresina (PI), onde fui o pioneiro no ministério, também voltou a preparar candidatos e ordenar diáconos, sendo o Diác. Roberto Caminha o segundo a ser ordenado, abrindo caminho a outros tantos.

(Continua)

A MEMÓRIA PRESTA SEU CULTO

“Toda a vida intelectual seria impossível sem a memória, logo memorização é uma função fundamental do espírito.” Início estas linhas com um pensamento de Mário Ferreira dos Santos, presente em seu Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais. Ele formula essa idéia dentro de um contexto de valorização do processo de recordação, procurando demonstrar que, na dinâmica da vida, a recordação é sempre algo benéfico e nos ajuda no caminho do amadurecimento pessoal e comunitário. Cada pessoa é chamada a preservar sua memória. Cada grupo social (religioso, político...) precisa preservar sua memória, transformando-a em vigilante atenta das lembranças, especialmente daquelas que fazem o homem crescer. Recordar é trazer algo ao coração. O conceito é bastante clássico, muito conhecido, estende suas raízes na própria etimologia. Sim, desejo trazer ao coração um ou outro ponto sobre o Concílio Vaticano II, permitindo que minhas lembranças provoquem a memória, fazendo-a render culto de homenagem à sua realização nos primeiros anos da década de sessenta do século XX (1962-1965). Não tenho pretensão alguma de ser exaustivo nesta exposição; pois creio que não haja necessidade. Seguindo a Liturgia das lembranças, a memória presta seu culto de reverência e de expectativa ao Concílio Vaticano II. Vamos a algumas lembranças!

O mundo aguardava esperançoso a realização do Concílio Vaticano II. Lembra-nos Dom Demétrio Valentini: “Quando João XXIII anunciou sua intenção de convocar um concílio para renovar a Igreja, o entusiasmo foi tomando conta de todos, tanto dentro como fora da Igreja Católica. A pronta adesão às intenções de um novo Concílio comprovou o acerto da ideia do Papa, e facilitou sua rápida implementação” (Revisitar o Concílio Vaticano II – Paulinas). Esperava-se reacender o entusiasmo da Igreja vivido por ocasião do Concílio Vaticano I, iniciado em 8 de dezembro de 1869 e suspenso no dia 20 de outubro de 1870, por causa do início da guerra franco-alemã em setembro do mesmo ano. Vivia-se na época as consequências da Revolução Francesa (1789): o brado da razão e do nacionalismo contra a fé, que marcou o século XIX com o materialismo e o ateísmo. Solapavam-se a autoridade papal e a unidade da Igreja. Do Concílio Vaticano I nos chegaram duas riquezas: “uma, a Dei Filius, sobre a fé católica ensina que Deus se revela através da criação como também através de Jesus Cristo; por conseguinte tanto pela razão como pela fé, as quais não podem estar em desacordo entre si; e outra, a Pastor Aeternus, referente à Igreja, definiu a infalibilidade do Pontífice Romano quando fala ex cathedra sobre assuntos de fé e Moral” (Curso de História da Igreja – Dom Estevão Tavares Bettencourt). Incompleto, o Concílio Vaticano I deixou em suspenso inúmeras questões teológicas e pastorais, incluindo os assuntos relacionados à ação episcopal no mundo e aos membros da Igreja. No dia 25 de janeiro de 1959, dois meses após a sua eleição, o “Papa da bondade”, no encerramento da semana de orações pela unidade dos cristãos, anuncia o 21º Concílio Ecumênico, que, com certeza tomaria assuntos não ventilados ou interrompidos. A Igreja reacendia a tocha da esperança de entrar na era de profundas transformações eclesiais.

“Aggiornamento”: termo-chave do Concílio Vaticano II. “Aggiornamento”: renovação, atualização. Por ocasião de seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XIII frisou que o evento não teria como finalidade principal “a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja”; mas àquela Assembleia caberia, entre múltiplas tarefas, a incumbência de debruçar-se sobre o “depositum fidei” na busca de uma nova formulação de seu conjunto doutrinário: “é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo”. Associados ao termo-chave, o Cardeal Dom Aloísio Lorscheider vê outras palavras reveladoras do dinamismo dos Padres Conciliares: “O Concílio Ecumênico Vaticano II foi um Concílio pastoral-eclesiológico. Duas são as palavras-chave para entendê-lo bem: aggiornamento (atualização, renovação, rejuvenescimento, diaconia, serviço) e diálogo (comunhão, corresponsabilidade, participação). Não veio para definir ou condenar, mas para servir e salvar.” No início do novo milênio, o Papa João Paulo II, apontando para a riqueza do Concílio Vaticano II, nos assegura que “nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que começa” (Novo Millennio Ineunte, n. 57).

11 de outubro de 1962: começa o Concílio Ecumênico Vaticano II. Em Revisitar o Concílio Vaticano II, Dom Demétrio Valentini nos relata: “As cerimônias de abertura, do dia 11 de outubro, foram marcadas pela grandiosidade. Os 2.500 bispos, acompanhados pelos superiores maiores de algumas ordens religiosas e pelos observadores de outras Igrejas cristãs entraram em procissão na Basílica São Pedro. A expectativa do acontecimento tinha igualmente trazido para Roma muita gente e muitos jornalistas. Das 8 da manhã, as cerimônias se prolongaram até a 1 hora da tarde. Afinal, era preciso começar de modo solene um acontecimento tão raro.” De modo geral, justificada preocupação e natural curiosidade marcavam o semblante dos próprios bispos que iam chegando a Roma. Fez-se notar a ausência de bispos chineses e alguns bispos de países estrangeiros. Entre os observadores não católicos, cerca de quarenta, estavam representantes de Igrejas orientais, ortodoxas, de Igrejas saídas da Reforma, a veterocatólica, pentecostais. Registrou-se a única presença de um leigo católico, Jean Guittou. Morre o Papa João XXIII, mas o Concílio prossegue. Em junho de 1963, em pleno andamento do Concílio Vaticano II, morre Angelo Giuseppe Ron-

calli, “o bom papa João”, que despertou, graças às suas iniciativas à frente da Igreja, excepcional popularidade. Em 1962, “recebeu o Prêmio da Paz da Fundação Internacional Balzan. Nenhum papa na história foi tão dedicado à união cristã quanto ele” (História dos Papas – Conhecer Fantástico – Arte Antiga – Ano I – nº 3). Deixou-nos duas marcantes encíclicas: Mater et magistra (1961), abordando questões sociais, e Pacem in terris (1963), inestimável apoio à “paz fundamentada na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade” (Grande Enciclopédia Larousse Cultural). Sucedeu a João XXIII Giovanni Batista Montini, e, com o nome de Paulo VI, “anunciou que continuaria o Concílio, daria prosseguimento à revisão do Código de Direito Canônico e trabalharia pela paz e justiça na ordem temporal e pela união das igrejas cristãs. Admitiu leigos como ouvintes conciliares e convidou as diversas igrejas cristãs não-católicas a enviar mais observadores” (História dos Papas – Conhecer Fantástico – Arte Antiga – Ano I – nº 3). Aberto ao mundo, deixando entrar pelas portas e janelas, o vento do Espírito Santo, o Concílio Vaticano II prossegue sua manhã de Pentecostes.

O Concílio do Vaticano II teve índole eminentemente pastoral. Como Mater et Magistra, a Igreja do Concílio é chamada a orientar a postura de seus fiéis diante dos desafios da Idade Moderna. Ela é chamada a mostrar sua “vitalidade cristã e católica” diante das “condições modernas da fé e da prática religiosa” (João XXIII). Seguindo a intuição daquele que sonhou com um “novo Pentecostes” na Igreja diante da qual ele se encontrava como sucessor de Pedro, o Concílio mostrou que a sua finalidade principal não era a “discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito” (João XIII, na abertura do Concílio). O Concílio tem diante de si a missão de preparar e consolidar “o caminho para aquela unidade do gênero humano, que se requer como fundamento necessário para a cidade terrestre se conforme à semelhança da celeste “na qual reina a verdade, é lei a caridade e a extensão é a eternidade”” (João XXIII, na abertura do Concílio, citando Santo Agostinho). Visando particularmente à vida cristã e à sua disciplina, pode-se perceber, nos documentos conciliares os seguintes traços marcantes: - renovação da Liturgia, que deveria ser celebrada em estilo mais comunitário e acessível aos fiéis; - reafirmação da Igreja como sacramento, estruturado por Pedro e a hierarquia, sem deixar de responsabilizar, na medida precisa, todo o povo de Deus; - abertura para os demais cristãos (protestantes, ortodoxos e outros) que não se acham em plena comunhão com a Igreja de Cristo entregue a Pedro e seus sucessores; - declaração sobre as religiões não cristãs, nas quais os padres conciliares realçaram a existência de elementos positivos; - declaração sobre a liberdade religiosa, que significa o direito, inerente a todo homem, de formar livremente a sua consciência diante de Deus e da fé; - tomada de posição da Igreja frente às diversas facetas que o mundo de hoje lhe apresenta: família, comunidade política, economia, cultura, paz e guerra...” (Curso de História da Igreja, Pe. Estevão Tavares Bettencourt). A fonte da qual extraímos esses traços, arremata: “Em síntese, pode-se dizer que o Concílio Vaticano II foi uma das mais significativas realizações da Igreja nos tempos modernos, portadora de amplas consequências (das quais algumas foram menos felizes em virtude de falsa compreensão dos textos e da mente dos padres conciliares)”.

A centralidade de Cristo é o traço fundamental do perfil do Vaticano II. Evidentemente, no parágrafo anterior, não nos referimos a todos os traços do perfil distintivo do Vaticano II. Acreditamos mesmo que jamais esgotaremos o assunto, em vista da riqueza do próprio Concílio. Na verdade, riqueza vivida em parte; pois cremos que o Vaticano II vive ainda um processo de descoberta ou redescoberta. Sem pessimismo, consideremos o fato de que milhares e milhares de pessoas, dentro da própria Igreja, desconhecem as linhas fundamentais de suas constituições, decretos e declarações. Um estudo sério e aprofundado sobre o Concílio Vaticano II tem sido ausência marcante no processo formativo de nossos ministros ordenados ou não e de não poucos agentes de pastoral. Sem dúvida alguma, a centralidade de Cristo é o maior traço distintivo do Concílio. Centralidade de Cristo: voltar-se para seu mistério e sua história; vê-lo como chave, centro e fim da história humana; vê-lo como cabeça de todo, no céu e na terra; vê-lo como homem perfeito, que entrou na história humana de modo novo e definitivo através do Mistério da Encarnação. É o que o Concílio veio dizer ao mundo através de suas constituições. A partir do Vaticano II, retoma-se com mais força a consciência de que a centralidade de Cristo nos ajuda a ver com mais clareza o que precisa ser reformulado.

* Diác. Juranir Rossatti Machado - RJ. - ENAP - CND



Papa envia mensagem aos brasileiros por ocasião da Campanha da Fraternidade

Por Redação

CIDADE DO VATICANO, 18 de Fevereiro de 2015 (Zenit.org) -

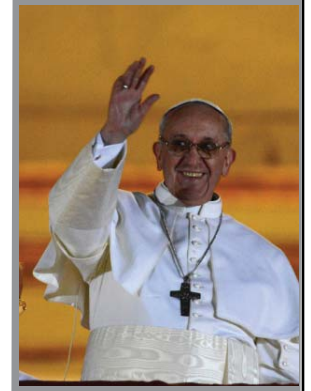
Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Aproxima-se a Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa: tempo de penitência, oração e caridade, tempo de renovar nossas vidas, identificando-nos com Jesus através da sua entrega generosa aos irmãos, sobretudo aos mais necessitados. Neste ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, inspirando-se nas palavras d'Ele «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos» (Mc 10,45), propõe como tema de sua habitual Campanha «Fraternidade: Igreja e Sociedade».

De fato a Igreja, enquanto «comunidade congregada por aqueles que, crendo, voltam o seu olhar a Jesus, autor da salvação e princípio da unidade» (Const. Dogmática *Lumen gentium*, 3), não pode ser indiferente às necessidades daqueles que estão ao seu redor, pois, «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo» (Const. Pastoral *Gaudium et spes*, 1). Mas, o que fazer? Durante os quarenta dias em que Deus chama o seu povo à conversão, a Campanha da Fraternidade quer ajudar a aprofundar, à luz do Evangelho, o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a Sociedade - propostos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II - como serviço de edificação do Reino de Deus, no coração e na vida do povo brasileiro.

A contribuição da Igreja, no respeito pela laicidade do Estado (cfr. *Idem*, 76) e sem esquecer a autonomia das realidades terrenas (cfr. *Idem*, 36), encontra forma concreta na sua Doutrina Social, com a qual quer «assumir evangelicamente e a partir da perspectiva do Reino as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano» (Documento de Aparecida, 384). Isso não é uma tarefa exclusiva das instituições: cada um deve fazer a sua

parte, começando pela minha casa, no meu trabalho, junto das pessoas com quem me relaciono. E de modo concreto, é preciso ajudar aqueles que são mais pobres e necessitados. Lembremo-nos que «cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 187), sobretudo sabendo acolher, «porque quando somos generosos acolhendo uma pessoa e partilhamos algo com ela – um pouco de comida, um lugar na nossa casa, o nosso tempo - não ficamos mais pobres, mas enriquecemos» (Discurso na Comunidade de Varginha, 25/7/2013). Assim, examinemos a consciência sobre o compromisso concreto e efetivo de cada um na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica.



Queridos irmãos e irmãs, quando Jesus nos diz «Eu vim para servir» (cf. Mc 10, 45), nos ensina aquilo que resume a identidade do cristão: amar servindo. Por isso, faço votos que o caminho quaresmal deste ano, à luz das propostas da Campanha da Fraternidade, predisponha os corações para a vida nova que Cristo nos oferece, e que a força transformadora que brota da sua Ressurreição alcance a todos em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural e fortaleça em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação. A todos e a cada um, pela intercessão de Nossa Senhora Aparecida, envio de todo coração a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Vaticano, 2 de fevereiro de 2015.

Franciscus PP.

PARTE DA HISTÓRIA

Fazer memória do diaconado do Brasil é amar nosso ministério. É resposta ao chamado de Deus, porque amamos nosso Pai amoroso. O caminho desde o início até hoje tem sido muito mais de bem-aventuras do que desventuras... começando pelos desbravamentos, como “santos bandeirantes”, pioneiros de Jesus Servo. Nada pode ser esquecido!

Diácono com mochila nas costas, pegando caronas, indo Brasil afora descobrindo vocações, a semear o diaconado. O Espírito Santo estava com este peregrino, certamente, e com tantos outros com disponibilidade e inspirados pela Sabedoria de Deus fizeram nascer o ministério diaconal em nosso país. Maravilhosamente, o desenrolar da história deixou sempre testemunhos admirados por muitos da nossa Igreja e por tantas outras pessoas. Os gestos cristãos dos primeiros diáconos e suas esposas e seus filhos foram marcas não só empíricas, mas muito mais inspirados e movidos pelo Espírito que nos foi dado. Lentamente e serenamente os protagonistas, ministros e familiares, foram se organizando em grupos de estudos, de orações e reflexões sobre esta novidade, o diaconado no Brasil.

Dom Eduardo Koalk, bispo de Piracicaba, que me ordenou dizia: “Um bom agente de pastoral tem que ter, minimamente, generosidade, disponibilidade e competência. As primeiras até que Deus dá, a terceira temos que conquistar, estudar.” “...aquele que menospreza a inteligência que Deus lhe deu torna-se réu de condenação, porque despreza um dom recebido e o deixa sem fruto” (Santo Isidoro – Sevilha, 560 - 636).

PARTE DA HISTÓRIA:

Dando um salto no tempo, não muito remoto, a CNBB pede à CND a preocupação de capacitar mais seus ministros. Daí a destacada evolução do Encontro dos Formadores das Escolas Diaconais, e em tantos outros momentos de formação nas dioceses, nos inter-regionais, nos nacionais. E o surgimento

das Escolas Diaconais, adaptadas às diferentes realidades de cada diocese. A CND sempre se dedicou muito a isto e continua. Com toda sua estrutura e colaboradores, buscou sempre em comunhão como organismo da Igreja no Brasil, seguir as normas, estatutos, diretrizes, participar, ativamente, das atividades e eventos da CNBB, das CRD, das CDD.

Portanto, nesta fase, além da vivência diaconal, dar importância à sequência da intelectualização do corpo diaconal. Jesus Mestre capacitou seus discípulos. Cada vez mais é mister fazer viver o específico do nosso ministério. No tríplice múnus, equilibrar: Palavra, Caridade e Liturgia. Falta, ainda, para muitos de nós, a especificidade. Carismas, dons, ministérios, são muitos. Vocação, discípulo missionário sugerem uma ação “própria/particular/específica”.

Conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém mais próxima do hebraico para o português, na Liturgia das Horas e em outros textos bíblicos, aparece ministro (rX – Sar), p.e., no Sl 103,21. Neste mesmo salmo em outras traduções aparece servo (db[– Éved). Afinal é ministro ou é servo? Esta diferenciação acontece em vários textos bíblicos, conforme traduções diversas. Jesus é servo. Configurados a Cristo pelo batismo, todos somos servos. Alguns são ministros. Há uma especificidade, de vocação e de missão: ministério leigo ou ordenado.

No final desta CND (2007-2011), além das importantes atividades, ela participou do II Congresso Continental Latino americano de Vocações. Trata de todas vocações na Igreja. O lema: “Mestre, em tua Palavra lançarei as redes” (Lc 5,5). Importância e exigência, estudar o Documento Conclusivo publicado pela Edições CNBB.

Com as bênçãos de Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Diác. Odelcio Calligaris Gomes da Costa. – Presidente da CND (2007-2011).

Nota de falecimento



A Diocese de Lages, SC, e a CRD Sul IV comunicam o falecimento do diácono José Augusto de Braga, ocorrido no dia 17 de fevereiro, vítima de câncer.

O diácono José Augusto foi ordenado em 2000 em Lages, onde exercia seu ministério. Deixa esposa e dois filhos.

A CND (Comissão Nacional dos Diáconos) se solidariza com a família e com o diaconado do Regional Sul IV. Descanse em Paz!

Candidatos ao Diaconato Permanente receberão Admissão as Sagradas Ordens

No próximo dia 07 de Março, às 15h, no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino de Petrópolis, RJ, será celebrada a Santa Missa onde os candidatos ao Diaconato Permanente (2ª turma) da Diocese de Petrópolis receberão a Admissão as Sagradas Ordens.

A Missa será presidida por Dom Gregório Paixão, OSB, bispo diocesano e concelebrada por Monsenhor José Maria. O retorno as aulas acontecerá no dia 14 de março.

Colaboração: diácono Marco Carvalho

<http://www.diocesepetropolis.org.br/diaconatopermanente/?p=100>



Papa em Sta. Marta: Não se pode fazer ofertas à Igrejas e ser injusto com seus funcionários

Por Redação

ROMA, 20 de Fevereiro de 2015 (Zenit.org) -

Os cristãos, especialmente durante a Quaresma, são chamados a viver coerentemente o amor a Deus e o amor ao próximo, recordou o Santo Padre durante a homilia desta manhã em Santa Marta. Por outro lado, o Papa advertiu aqueles que mandam um cheque para a igreja, mas são injustos com seus funcionários.

O povo se lamenta diante do Senhor por não ouvir seus jejuns. Assim, o Papa comentou o trecho de Isaías, da primeira leitura de hoje, enfatizando a necessidade de distinguir entre "o formal e o real". Para o Senhor "não adianta jejuar, não comer carne" e depois "brigar ou explorar os trabalhadores". Por isso Jesus condenou os fariseus, porque eles faziam "muitas observações exteriores, mas sem a verdade do coração".

Portanto, o jejum que Jesus quer é o que desfaz as cadeias da injustiça, liberta os oprimidos, veste quem está nu, faz justiça. "Este é o verdadeiro jejum, o jejum não é apenas exterior, mas deve vir do coração", explicou o Papa.

Além disso, Francisco afirmou que "nas tábuas da lei há o preceito em relação a Deus, em relação ao próximo e os dois estão juntos". Alguém pode dizer: "Mas, não, eu cumpro os três primeiros mandamentos... e os outros mais ou menos. Não, se não cumpre estes, não pode cumprir aqueles, e se cumpre este, deve cumprir aquele. Estão unidos: o amor a Deus e o amor ao próximo são uma unidade e se quiser fazer penitência, real e não formal, deve fazê-la diante de Deus e também com o seu irmão, com o próximo".

E, como diz o apóstolo Tiago, você pode ter muita fé, mas se não realiza obras, é inútil. Por isso, o Papa advertiu que se alguém vai à missa todos os domingos e comunga, pode-se perguntar "como é a sua relação com seus funcionários? Os paga de maneira irregular? Dá a eles um salário justo? Paga também as taxas para a aposentaria? Para a assistência de saúde?"

A este respeito, o Santo Padre alertou sobre esses homens e mulheres de fé que dividem as tábuas da lei: "Sim, sim, eu faço isso'. Mas você dá esmolas? Sim, sim, sempre mando um cheque para a Igreja. Mas na tua Igreja, na tua casa, com quem depende de você é generoso, é justo? Não se pode fazer ofertas à Igreja e pelas costas, ser injusto com seus funcionários. Este é um pecado gravíssimo, usar Deus para cobrir a injustiça", alertou.

Além disso, Francisco disse em sua homilia que o caminho da Quaresma é duplo: a Deus e ao próximo, ou seja, é real, e não meramente formal. "Não somente deixar de comer carne na sexta-feira, fazer alguma coisa e depois, deixar aumentar o egoísmo, a exploração do próximo, a ignorância dos pobres".

A este respeito, o Papa quis dar um exemplo: quando precisam se curar algumas pessoas vão ao hospital e, por ter um plano de saúde, conseguem rapidamente uma consulta. "É uma coisa boa, graças a Deus. Mas me diga, você já pensou naqueles que não têm esta facilidade e quando vão ao hospital devem esperar 6, 7, 8 horas para uma coisa urgente", questionou Bergoglio. O Papa recordou que existem pessoas em Roma que vivem assim, e a Quaresma ajuda a pensar neles: "O que posso fazer pelas crianças, pelos idosos que não têm possibilidade de ter uma consulta com um médico? Que esperam horas e horas e depois têm que voltar uma semana depois?"

Francisco questionou também se ainda existe no coração lugar para quem não cumpriu os mandamentos, "para aqueles que cometeram erros e estão na prisão". "Se você não está preso é porque o Senhor te ajudou a não cair", advertiu o Pontífice.

Por fim, o Papa pediu ao Senhor para nos acompanhar em nosso caminho quaresmal, "para que a observância exterior corresponda a uma profunda renovação espiritual".

Rádio Vaticano/Edição Zenit